

I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

12 a 14 de setembro de 2017- Naviraí-MS



O(S) LUGAR(ES) DA MULHER E AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE OS SEXOS, UM ESTUDO ESPECÍFICO EM NAVIRAÍ – MS: permanências, transformações perspectivas e desafios

Jaqueline Teodoro Comin
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
jaquelineodoroc@gmail.com

Eixo Temático: Educação, saúde e sociedade.

RESUMO

A pesquisa consiste na análise das relações de gênero, com foco na trajetória histórica das mulheres na ordem política, social, econômica e cultural, de modo a discutir a condição feminina vivenciada nas últimas décadas, bem como destacar permanências, transformações, perspectivas e desafios ainda existentes. Para tanto, propõe uma investigação pontual, no município de Naviraí-MS, acerca da compreensão e discussão do(s) lugar(es) social(is) e as relações de poder da mulher na sociedade Naviraiense contemporânea. A metodologia adotada, em primeiro momento, foi pautada pela revisão bibliográfica, com intenção de discutir o conceito de gênero e a problematização da temática abordada. Na sequência, se debruçou em uma pesquisa com abordagem qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com seis mulheres do município campo da pesquisa, as quais foram escolhidas em três grupos de classe social distintas: funcionárias de empresas privadas, funcionárias públicas e empresárias. Desta forma, verificaram-se como as relações de gênero abrangem diferentes lugares sociais e de que forma influenciam a vida cotidiana, ouvindo a voz, as experiências e vivências relatadas pelos sujeitos da investigação, bem como evidenciou como se dão as novas formas de submissão feminina na atualidade, por meio da análise sócio histórica da constituição social.

Palavras-chave: Gênero; Mulher; Poder; Lugar social; Estereótipo.

1 INTRODUÇÃO

Para discutir relações de gênero na perspectiva aqui abordada, precisamos entender algumas questões relativas à história das mulheres. É necessário, pois, elaborar um contexto sócio-histórico-cultural até chegarmos à conjuntura atual, evidenciando a forma como a história foi registrada e arquitetada por homens a partir do ponto de vista que ocuparam e ainda ocupam as narrativas dos grandes feitos, política, guerras, construção de civilizações, revoluções, filosofia, arquitetura social.

Pensando historicamente tomamos de exemplo à sociedade grega, na qual a mulher não fazia parte dos processos políticos, bem como os escravos, sendo assim, ocupava uma posição abaixo dos homens que usufruíam da democracia. Já na Idade Medieval a obtenção de terras é que garantia o poder, no qual o maior detentor desta era a igreja católica, a mesma que em seus ensinamentos prega a inferioridade e submissão da mulher em relação ao homem. Neste contexto sócio histórico a mulher foi mantida longe do poder político e econômico, o que conseqüentemente acarretou sua desvantagem social e sujeição aos homens (PEIXOTO, 2006).

Essas constatações nos remetem à constituição da ordem vigente nas sociedades ocidentais, evidencia-se que o percurso da mulher ao longo da história foi bastante restrito e apagado, de forma geral, não lhe sendo permitido espaços nas decisões e vida públicas. Assim como o saber científico foi criado por homens, os quais formularam as questões e as responderam denominando-as para o todo, homens brancos, pertencentes a classe privilegiada. Estes detentores de certa competência “excepcional”, os quais em todo o tempo “compreenderam” o que era válido para todos (LOURO, 1997).

Dessa forma, a visão social foi e ainda é estigmatizada devido a um processo de construção social, o qual ocorre por meio dos símbolos sociais¹ que adotamos. Isso gera conseqüências na vida de uma mulher desde a descoberta de seu sexo biológico quando está sendo gerada até o cessar de sua vida: ser menino ou menina é um marcador social que permeará a construção de determinado sujeito.

Nesse emaranhado, segundo Bourdieu (2009), “a eficácia do campo simbólico² está presente na capacidade que ele exerce de ordenar e dar sentido ao mundo social, de maneira

¹ Segundo Bourdieu (2010, p. 11), “é enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os ‘sistemas simbólicos’ cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra”.

² “[...] o poder simbólico não reside nos ‘sistemas simbólicos’ em forma de uma ‘illocutionary force’ mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos,

que, por meio da sua função ideológica e política, acaba por atribuir a esse mundo social uma imagem de ‘mundo natural’, legitimando assim a dominação” (BOURDIEU apud LOPES, 2013, p. 164-165).

Percebemos desta maneira como a divisão dos gêneros influencia tanto a vida dos homens, como das mulheres, onde nos construímos segundo uma ordem imposta binária mulher-homem, já direcionados a nossas correspondentes funções sociais e símbolos a serem incorporados para expressar nossa feminilidade e/ou masculinidade.

Pensando a respeito das causas ainda marcantes da diferenciação de gênero, nos alerta Foucault (2000, p. 25): “Não podemos esquecer que o corpo está sempre mergulhado em campo político onde as relações de poder têm alcance imediato sobre ele, elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhes sinais”.

Desta maneira, o objetivo desta pesquisa consiste em compreender o(s) lugar(es) da mulher na sociedade contemporânea, contextualizando-o(s) em um campo de pesquisa histórico-cultural específico, o município de Naviraí, de modo a destacar permanências, transformações perspectivas e desafios das relações de gênero atuais.

Para tanto, o caminho a ser percorrido inicia com um levantamento histórico sobre a construção do estereótipo do ser mulher, bem como os lugares sociais destinados às mulheres no decorrer das últimas décadas e a identificação, exemplificação dos aparelhos e formas como se legitimam as diferenciações entre o masculino e o feminino, por meio da análise da função e atuação concreta das instituições sociais.

Posteriormente, para formar o corpo desta análise iremos dialogar com mulheres do município de Naviraí-MS, para resgatar a visão social atual do que é ser mulher e de qual seu lugar em nossa sociedade. E assim analisar como se dão as novas formas de submissão feminina na contemporaneidade.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Gênero como categoria de análise

Para destacar a pertinência teórico-acadêmica da problemática aqui apresentada, devemos entender a categoria gênero, matriz conceitual da pesquisa.

quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder [...]” (BOURDIEU, 2010, p. 14-15).

Scott (1990, p. 14) considera que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças entre os sexos [...] é uma forma primeira de significar as relações de poder”, ou seja, gênero refere-se a uma construção social do feminino e do masculino, é uma maneira de configurar os papéis sexuais e o simbolismo sexual. Assim diferenciando-os e estabelecendo funções sociais, espaços, *habitus*³ uma estrutura do ser.

Desta maneira, problematizar a estrutura diferenciadora dos sexos, suas consequências sociais nos indivíduos, analisando como o gênero perpassa, influencia, taxa, molda, a vida de todos em padrões de representações de feminilidade e masculinidade no campo histórico-cultural, pois a partir da consciência desta “ordem” dos sexos imposta, podemos desconstruí-la. “Alguém já afirmou que a desigualdade não se improvisa, é construção de séculos de dominação. A sua desconstrução é, da mesma forma, um desafio sempre presente aos sujeitos políticos” (OLIVEIRA, BARROS, SOUZA, 2010, p. 20).

Assim, propõe-se pensar as relações de gênero, como se manifestam, representam os corpos, bem como se originam em uma construção cultural e política, situada em um tempo e espaço, que consiste em padrões desiguais, remodelados de diferentes maneiras. Segundo Spivak (2010, p. 11):

Os sistemas econômicos, como o capitalismo, colonialismo, imperialismo, liberalismo, quaisquer que sejam, defendem a unificação de sujeitos e de identidades que esses possam assumir. Os interesses de qualquer sistema de dominação na classificação estática dos sujeitos visam essa simplificação como oportunidade de regulamentação e controle das pessoas. No caso da nossa sociedade, caracteristicamente machista, a reprodução, manutenção e legitimação de certos estereótipos ‘politicamente corretos’ destinados às mulheres, configuram como estratégia de reafirmação do poder dos homens sobre o corpo e desejo feminino.

Observamos o quanto estes padrões atingem a todos de alguma forma, e legitima o poder por meio da subordinação e controle das mulheres, o mesmo ocupa todos os espaços, funções sociais, estabelecendo uma ordem dominante.

Assim as relações desiguais se configuram socialmente, constituídas pelo discurso nos campos de forças culturais simbólicas e se reproduzem constantemente. Então, com a evolução dos direitos das mulheres, a conquista do voto, o mercado de trabalho, as leis contra a violência,

³ Bourdieu denomina *habitus* como: “[...] estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e do domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro” (BOURDIEU, apud MICELI, 2009, p. 60).

ainda persistem esses estereótipos que pesam as desigualdades e dificuldades na vida de uma mulher, criando e recriando no decorrer dos tempos novas formas de submissão feminina.

2.2 Trajetórias históricas das mulheres e a influência das instituições sociais

A conscientização começa por nós nas configurações de relações sociais que respeitem a multiplicidade de cada indivíduo, mas com direitos equivalentes em sociedade. Para isso, é preciso que seja estabelecida a visão clara do conceito de gênero, correlacionando com as influências econômicas, políticas, institucionais que criaram e perpetuam a legitimação desse mundo dicotômico.

Segundo Lopes (2013, p. 183):

Ao discutir a instituição social das relações de gênero, apesar de parecer dispensável, é significativo refletir em que medida as partes constitutivas dos polos de relações de poder desiguais, estabelecidas entre os sujeitos, estão dispostas nas configurações culturais e/ou estruturais de determinada sociedade e de que forma manifestam dependências entre si.

Isso quer dizer que refletir a estrutura que constitui a permanência das relações de gênero é fundamental, assim como elas se manifestam entre si dando sentido a ordem das coisas para entender a construção desse processo, o qual não é natural e nem eterno.

Nesse quadro, toda a estrutura social se articula para a perpetuação dessa ideologia. O estado patriarcal é protetor e ao mesmo tempo reforça a “fragilidade” do sexo feminino. Segundo Scott (1990), isso se deve porque o gênero atribui significado às relações de poder para a legitimação da submissão, do controle, da hierarquia. Um exemplo importante é a citação Bounaud (1816) em relação às justificativas da legislação na revolução francesa sobre o direito do divórcio.

Da mesma forma que a democracia política ‘permite ao povo, parte fraca da sociedade política, se rebelar contra o poder estabelecido’, da mesma forma o divórcio ‘verdadeira democracia doméstica’, permite a esposa, parte mais fraca, se rebelar contra a autoridade do marido [...] a fim de manter o Estado fora do alcance do povo, é necessário manter a família fora do alcance das esposas e das crianças (SCOTT, 1990, p. 25).

Analisando o discurso e pensando no poder político e na representatividade, percebemos o déficit presente no cenário brasileiro em relação à mulher ocupando esses espaços. Para fazer uma análise mais profunda da questão, podemos recorrer à história das mulheres na política nacional. Pensando na constituição 1891 que estabeleceu para todos os cidadãos, brasileiros alfabetizados e maiores de 18 anos o direito ao voto, observamos o

panorama da mulher como não reconhecida enquanto ator social. Só após muita luta este direito foi adquirido como resultado das reivindicações dos movimentos feministas:

No Brasil a primeira onda feminista foi da luta pelo voto. A *sufragetes* brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Lamartine, que dava o direito de voto às mulheres. Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro (PINTO, 2010, p. 16).

Direito conquistado em 1932, a mulher começou a aparecer no mundo público, como pessoa que deveria ser controlada, atribuindo lugares permitidos e proibidos. 85 anos se passaram desde então e esse cenário pouco mudou. A população brasileira é composta em sua maioria por mulheres e estas não se veem representadas nos espaços públicos.

Observando os dados atuais, percebemos até hoje o quanto é limitada a presença de mulheres no cenário político, o qual é um “lugar público” reservado subjetivamente aos homens, enquanto às mulheres é reservado o espaço privado. Muitos anos se passaram, mas o estado patriarcal e a ideologia machista ainda oprimem e excluem as mulheres de participarem desse processo. Conforme Angellis (2015, p. 1):

As mulheres representam, no Brasil, pouco mais da metade da população (51,5%). Porém, a presença feminina ainda é muito pequena no parlamento. No Senado Federal, doze cadeiras são ocupadas por mulheres (14,81%). Já na Câmara dos Deputados, 51 mulheres atuam como representantes do povo (9,94%). São, portanto, 63 mulheres dentre as 594 cadeiras do Congresso Nacional (10,6%).

Mais além do poder do Estado, notamos também a presença de outra legitimadora e forte instituição que é a raiz dessas incorporações: a família. Este é um “lugar” onde desde que nascemos somos construídos com base em valores de hierarquização, submissão, dogmas religiosos, padrões comportamentais, relações de afeto, divisão do trabalho, o papel principal da mulher no lar, etc. Esses valores são reforçados em nossa socialização e sua principal aliada é a instituição escolar que reflete o imaginário social, cercada por espaços separatórios, estereótipos, preconceitos, entre outras coisas.

Na atualidade, percebemos que o papel da educação, seja familiar ou escolar, é de transmitir símbolos, códigos e valores fundamentais na construção da formação dos indivíduos. Segundo Louro (2010, p. 7) “Um olhar mais cuidadoso nos mostra que todos os processos

educativos sempre estiveram – e estão – preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, jovens, homens e mulheres”.

Percebemos a educação dos sexos estabelecidos vigiados, controlados, ditados, pela família, igreja e escola, exercendo esse papel de molde social, desde crianças socializando as mulheres e lhes ensinando a serem subordinadas para estruturar as relações de poderes dominadas pelos homens.

2.3 A mulher no mercado de trabalho

No âmbito das atividades trabalhistas, outro “lugar” que se tornou na contemporaneidade espaço das mulheres, é importante problematizar como essa transposição do privado para o público se constitui, o que afetou na vida das mulheres da atualidade e em sociedade, de que forma se dão as configurações e divisões dos trabalhos. Sobre isso, Marques (2006, p. 60) escreve:

Nas décadas - mais precisamente a partir da década de 50 – vem se evidenciando ou emergindo um imaginário de que as mulheres estão cada vez mais autônomas em relação aos homens. O que quer dizer isso? Bom. As casadas, especificamente, não tem mais como única função ser dona de casa (cuidar dos filhos, limpar casa, cuidar das refeições, lavar roupas etc), e sua autonomia esta ligada a sua inserção no mercado de trabalho, o que quer dizer que não dependem do dinheiro do cônjuge para sobreviverem.

Pensando na dinâmica da ocupação dos espaços, vemos que a mesma não se efetou sobre os estereótipos de funções, levando as mulheres a enfrentarem jornadas justapostas , considerando que continuam a exercer o dever principal no cuidado do lar e ainda trabalharem, muitas vezes financiando a maior parte ou completa dos custeios da casa. Vemos então, que ainda precisamos discutir essas questões, já que de fato o que há é uma ilusão da igualdade entre os sexos.

O que ocorre é uma divisão inscrita nos corpos na qual as mulheres são marginalizadas de alguns lugares e funções restritamente masculinas. Esse pensamento separatista tenta se justificar, por exemplo, com a minoria de mulheres em cargos de liderança devido a sua “falta” de voz ativa e poder de, como por exemplo, na política. Percebemos com isso que, segundo Touraine (2011, p. 118), “[...] os elogios endereçados à beleza e à sensibilidade feminina não passam de uma forma indireta de afirmar a superioridade dos homens, mais fortes, mais conquistadores e mais criadores”.

Isso ocorre porque o âmbito do trabalho tradicionalmente foi destinado ao homem. Historicamente o que se configurou foi a subordinação da produção, sendo a divisão social do trabalho organizada para separar e hierarquizar as tarefas, barateando a mão de obra feminina, tornando-a menos valorizada.

Segundo Larguia & Doumounlin (1982, p. 27):

A divisão do trabalho que se produz entre homens e mulheres no seio do proletariado não é outra coisa senão o reflexo da divisão secreta do trabalho que libertou o homem para a atividade pública, enquanto fazia recuar a maioria do sexo feminino para os limites asfixiantes da reposição privada da força de trabalho. Não é por acaso que as mulheres são levadas a incorporar-se na indústria têxtil e seus derivados, na indústria alimentar e farmacêutica, e nos serviços como professoras, enfermeiras, secretárias, ascensoristas, telefonias e criadas. Estas atividades não são mais do que a projeção, na esfera pública, das tarefas que a mulher realiza no seio da família.

Podemos perceber o sexismo que opera nos lugares destinados a homens e mulheres, classificando e hierarquizando trabalhos mais ou menos valorizados como exercício de poder, onde o machismo se instala e discrimina todos que saem do padrão do homem branco, classe média, cristão, negando os direitos fundamentais do princípio da igualdade, desvalorizando, atribuindo-lhes menores salários, separando funções e lugares sociais.

3 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa exploratória que utiliza como técnica a revisão bibliográfica, na qual destacamos a contribuição de autores como: Bourdieu (1997, 2009 e 2010), Foucault (1999 e 2000), Goldenberg (2004), Lopes (2013), Louro (1994, 1997 e 2010), Saffioti (2004), Scott (1990 e 1999), Spivak (2010) e Touraine (2011).

Metodologicamente, procuramos realizar uma pesquisa de natureza qualitativa, que busca:

[...] imersão profunda — através da observação participante por um período longo de tempo, das entrevistas em profundidade, da análise de diferentes fontes que possam ser cruzadas — que atinge níveis de compreensão que não podem ser alcançados através de uma pesquisa quantitativa. O pesquisador qualitativo buscará casos exemplares que possam ser reveladores da cultura em que estão inseridos. O número de pessoas é menos importante do que a teimosia em enxergar a questão sob várias perspectivas (GOLDENBERG, 2004, p. 50).

Consistindo em uma investigação qualitativa, busca aprofundar-se nas relações de gênero refletidas na vida das mulheres, em uma tentativa de ver o mundo por meio dos “olhos” dessas agentes sociais, como vivenciam estas experiências e os lugares que ocupam em sociedade.

Teoricamente partimos da compreensão de que gênero deve ser amplamente discutido para o entendimento da divisão dos sexos e sua respectiva problematização. Sobre isso Lopes (2013, p. 22) aponta que:

Múltiplos trabalhos mostram que as mulheres têm uma história e são atores históricos e sociais de pleno direito. No entanto, já não se trata de estudá-las isoladamente, mas de introduzir a dimensão da relação entre os sexos, o gênero, categoria de análise que apresenta a convicção de que esta relação entre os sexos não é um fato natural, mas uma relação social construída e incessantemente remodelada, ao mesmo tempo efeito e motor da dinâmica social (THÉBAUD, 1991), estruturada e estruturante das relações de poder entre homens e mulheres (BOURDIEU, 2009).

Quando partimos de uma análise histórico-cultural compreendemos o processo de construção desta ideologia de divisão dos sexos que padronizou comportamentos, modos de ser, operar, expressar, etc., onde o homem é ensinado como ser masculino e a mulher feminino através de códigos e sinais culturais, nos apropriando de adereços, gestos, gostos, lugares sociais que nos expressem como mulheres e homens perante a sociedade.

Para isso, realizamos uma pesquisa de campo, por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas com 6 mulheres de Naviraí-MS. Esse procedimento nos possibilitou interpretar narrativas de sujeitos sociais que não são neutros e conseqüentemente representam uma parte do imaginário social.

A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.) (FONSECA, 2002 apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Já o processo da entrevista permite analisar a mulher contemporânea e seus dilemas, bem como transformações e desafios. Esta parte da pesquisa é fundamental para identificarmos as novas formas de submissão e o problema apresentado aqui.

[...] as entrevistas constituíram também um momento “de construir seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo, e manifestar o ponto, no interior desse mundo, a partir do qual eles vêem a si mesmos e o mundo, e se tornam compreensíveis, justificados, e para eles mesmos em primeiro lugar” (BOURDIEU, 1997, p. 704).

O critério utilizado para a escolha das mulheres que colaboraram com a pesquisa foram os seus diferentes lugares sociais, a classe a que pertencem. Assim foram divididas em grupos de 3, funcionárias de empresas privadas, funcionárias públicas e empresárias, das quais, entre os grupos, terão mulheres solteiras, casadas, brancas e negras, para diversificar os agentes sociais, com intuito de analisar como as relações de gênero se consolidaram ao decorrer do tempo em diferentes espaços; quais suas remodelações; de que forma se estabelecem nesta localidade; como influenciam a vida dessas mulheres; quais as diferenças e semelhanças presentes nos relatos correlacionados com a construção deste sistema e se todas as mulheres, apesar de diferentes posições econômicas, são oprimidas pelo machismo. Neste sentido, Bourdieu, conceitua classe social:

Inúmeras propriedades de uma classe social provêm do fato de que seus membros se envolvem deliberada ou objetivamente em relações simbólicas com os indivíduos das outras classes, e com isso exprimem diferenças de situação e de posição segundo uma lógica sistemática, tendendo a transmutá-las em distinções significantes. É a independência relativa do sistema de atos e procedimentos expressivos, ou por assim dizer, das marcas de distinção, graças às quais os sujeitos sociais exprimem, e ao mesmo tempo constituem para si mesmos e para os outros, sua posição na estrutura social (e a relação que eles mantêm com esta posição) operando sobre os ‘valores’ (no sentido dos lingüistas) necessariamente vinculados à posição de classe, uma duplicação expressiva que autoriza a autonomização metodológica de uma ordem propriamente cultural (BOURDIEU, 2009, p. 14).

Assim, compreendemos que os sujeitos se formam por meio de suas experiências. Como nos assevera Scott (1999, p. 27) “Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz”. Nesta conjuntura, olhar para a história como construída por ações humanas, visualizando essas práticas entre o passado e presente na construção das memórias dos agentes sociais como exercício da tomada de consciência rumo à liberdade.

Procurou, então, nessa análise, alcançar o conteúdo dos discursos:

Do ponto de vista operacional, a análise de conteúdo inicia pela leitura das falas, realizada por meio das transcrições de entrevistas, depoimentos e documentos. Geralmente, todos os procedimentos levam a relacionar estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados e articular a superfície dos enunciados dos textos com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural e processos de produção de mensagem. Esse conjunto analítico visa a dar consistência interna às operações (MINAYO, 2007 apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Com isso, poderemos perceber os lugares sociais da divisão dos sexos, sua estrutura, como se dá essa relação de representação para o outro, em diferentes trajetórias que dialogam com o passado no contexto presente.

As entrevistadas⁴ serão citadas por denominações numéricas devido ao sigilo acordado de suas identidades, sendo assim, traçarei um perfil de cada uma dessas mulheres e sua numeração correspondente para melhor entendimento conforme tabela 01:

Tabela 01 – Perfil das entrevistadas

Mulheres	Idade	Profissão	Estado Civil	Convivência familiar
Entrevistada 1	21 anos	Estudante	Solteira	Pais, irmã e sobrinhx
Entrevistada 2	36 anos	Manicure	Casada	Esposo e dois filhxs
Entrevistada 3	40 anos	Professora na rede estadual de ensino	Casada	Esposo e dois filhxs
Entrevistada 4	35 anos	Professora rede municipal de ensino	Solteira	Noivo
Entrevistada 5	30 anos	Empresária e professora de artes marciais	Casada	Esposo e filhx
Entrevistada 6	44 anos	Empresária	Solteira	Noivo e filhx

Fonte: dados de pesquisa

Para a realização desta análise ocorreram entrevistas baseadas em 23 questões abertas aplicadas para todas as mulheres igualmente, as quais foram divididas em categorias de análise para melhor desenvolvimento desta pesquisa, são elas: Ser mulher e estereótipos reforçados; A educação feminina; Disparidade dos sexos; Divisão de tarefas; Trabalho e dupla jornada; Espaços sociais que delimitam; Preconceito e discriminação sofrida pelas mulheres; Mulheres e política; Mudanças e permanências em relação a mulher de algumas décadas atrás para atual. Aqui foram selecionadas algumas dessas categorias para análise das relações de poder.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Disparidades Dos Sexos

Pensando sobre a diferença existente entre os sexos, para essa análise é preciso colocar em ação e evidenciar tais práticas e os lugares em que se consolidam, para tanto, as vivências das entrevistadas nos falam sobre a mulher contemporânea e a disparidade dos sexos. A

⁴ Todas as entrevistas foram concedidas no período de janeiro de 2017.

entrevistada 6 foi indagada sobre a existência da delimitação de espaços de atuação entre homens e mulheres na sociedade atual.

Existe sim grande diferença, e não adianta as pessoas, os brasileiros, ainda olham a mulher empresária, para mulher de negócios, diferente do que eles olham para os homens, realmente um preconceito, uma coisa da cabeça deles, uma coisa que não existe e que precisa ser quebrado, por que eles olham como se a mulher fosse menos capaz... Sendo que nós mulheres temos condições e capacidade de fazer tão bem ou igual aos homens, então, eu acredito que esse preconceito em relação salarial é bem difícil e existe sim ainda muito preconceito em muitas áreas em relação à mulher (2017).

Neste exemplo há a confirmação que ainda há essa diferença entre os espaços de atuação entre homens e mulheres, a diferença salarial, a mulher como ser inferior e menos capaz em relação às habilidades profissionais. Tais lugares ocupados no campo de trabalho nos mostram o número reduzido de mulheres que ocupam cargos de liderança, justificadas pela falta de ‘pulso forte’ ou ‘espírito de liderança’, estas características destinadas historicamente aos homens conquistadores e provedores.

A entrevistada 5 diz sobre as diferenças existentes entre os sexos:

Por exemplo, quando eu comecei a luta, que no meu caso eu me graduei, ganhei uma posição maior, em uma reunião a gente era pouco ouvida. Eu sou *sansei*, faixa preta e segundo *dan*, eu tenho a mesma importância daquele cara que ele é *sansei*, faixa preta e segundo *dan*, só que há uns seis anos atrás, o que ele falava a gente sentia que tinha mais importância, até mesmo na premiação por exemplo para o homem tinha dinheiro para mulher não tinha, para o homem o troféu era maior e para as meninas era menor. Hoje em dia tem muita pouca menina lutando karatê por que é pouco valorizada, a gente sempre tocou no assunto de que: ela lutou o mesmo tanto que o cara, o mesmo tempo mas por que ela tem que ganhar um troféu menor e o cara tem que ganhar um troféu maior? Ah por que a luta dele é mais pesada... Mas se ela lutar com uma menina pesada, a luta dela vai ser pesada no proporcional de mulher, se eles são homens será proporcional de homem, então vocês querem comparar homem e mulher com força e não tem nada ver, que eu sempre falo para os meninos: eu sou faixa preta, graduada, eu posso até saber bater em certos lugares que vai te machucar, mas eu tenho plena convicção que a minha força não é igual a tua, se tu me der um murro, eu vou afundar. Parte física, eu sempre bato na tecla, mulher apanha, não é legal, não apoio, mas eu tenho aquela convicção que 50% das mulheres apanham por que elas procuram, por que, por exemplo, ai o marido estava bêbado e apanhou, cara se ele está bêbado por que tu vai procurar briga com ele, conversa com ele sóbrio ou mulher ficar atijando o cara que esta de saco cheio e a mulher está em cima atijando, atijando, atijando, elas agridem, elas procuram, eu falo alto com meu marido, eu me estresso, mas a hora que ele engrossa a voz eu saio, por que ele é homem e eu sou mulher. Eu penso, tem essas diferenças? Tem! Mas um pouco é da mulher, ela não sabe diferenciar as coisas (2017).

Nesta análise vemos a partir das práticas discursivas como ocorre o preconceito em relação à mulher em lugares não destinados ao sexo feminino, como o ambiente das artes marciais que exige força, algo não prescrito para tal sexo, atingindo os agentes de diversas maneiras e lugares, reforçados pelas próprias mulheres, como a interpretação da entrevistada ao dizer sua opinião sobre casos de violência física exercidos contra mulheres, a subordinação e opressão das mulheres socialmente visualizadas como culpadas por sua subalternização que permite a aprovação social da violação de direitos enquanto seres humanos.

4.2 Espaços Sociais Que Delimitam

A entrevistada 5 nos disse que a delimitação dos espaços de atuação entre homens e mulheres em seu cotidiano é visto: (2017) “[...] eu já penso que eu faço é muito papel de homem, quando eu saio para trabalhar, tipo vou trabalhar em um campeonato, em uma luta, as vezes eu deixo meu filho lá para ir trabalhar, então eu não me vejo assim”. Os papéis atribuídos aos homens e mulheres determinam os lugares em que atuarão, estes são demarcados assim como o relato acima diz que ‘ela faz papel de homem’, ou seja, esta deslocada em um espaço não feminino socialmente, e reforça a naturalização destes esquemas em expor que não se vê em espaços delimitados, mas que em seu discurso afirma os papéis atribuídos aos sexos, desta forma, a não percepção destas práticas é que mantêm a naturalização da estrutura.

Ainda sobre a delimitação dos espaços sociais, a entrevistada 2 diz:

Existe claro, como tomar cerveja em um bar a gente não pode... Não é bem visto se uma mulher esta em um boteco tomando cerveja, principalmente se for casada, ai já é mau vista, não pode, por que é mulher, um amigo nosso mesmo fala: “Nós podemos, somos homens, é diferente!” pra mim eu não vejo diferença, se eles podem, eles trabalham a gente também trabalha, por que não né?... Mas é visto assim. Se você é mulher não pode sentar em um boteco para tomar cerveja (2017).

A predominação do mundo masculino tido socialmente com hierarquicamente superior, além de estar na estrutura social, nas instituições, está presente na escrita, na linguagem e na fala.

4.3 Mulheres E Política

Sobre esta categoria de análise a entrevistada 6 relata a realidade local política sobre a situação das mulheres:

[...] nós precisamos muito de mulheres na política, na gestão anterior na câmara municipal nós tínhamos os vereadores todos os homens, não tinha uma mulher, agora nessa nova gestão nós estamos com 3 mulheres, então sim, por que o certo é que se são 13 cadeiras, pelos menos 6 mulheres e 7 homens ou 7 mulheres e 6 homens, então tem muito o que conquistar ainda sim (2017).

Em relação a esta realidade e necessidade das mulheres se fazerem presentes neste espaço social, segundo Peixoto (2006) dados revelam que a maior parte dos países do mundo a presença feminina representa uma média de 50% da população, em contraposição sua participação no poder público representa uma média de 10 a 20%, sendo que em nenhum país do globo chega a metade do parlamento.

Percebemos que há uma demanda social que precisa ser preenchida por uma grande parte da população que é excluída deste processo. Somos levados a pensar por meio desta interpretação como mulheres se encaixam na estrutura política, pública, que predomina homens de determinada classe, onde a mesma representa minoria comparada ao total dos que exercem as mesmas habilidades. Assim como também a vida desses agentes realocada no espaço público através das características dura, seca, dócil, amável de acordo com um padrão de representar gênero. A entrevistada continua:

[...] nós temos que ocupar muito mais espaços, principalmente naquele congresso, você olha naquele congresso, só tem homem lá, só tem homem, homem, é por isso, que o Brasil esta do jeito que esta. Eu acho que as mulheres tem que ocupar cargos nas empresas privadas em cargos de chefia porque ainda são os homens, outra área que você vê poucas mulheres é de médico cirurgiã, você pode reparar que quando você vai a um médico, porque há o médico clínico e o cirurgião, as mulheres ficam muito na clínica, tem uma ginecologista aqui na cidade que não faz parto, ela acompanha toda a gestação, o pré-natal, mas na hora de fazer o parto, ela não faz, é o homem que tem que fazer, então, são poucas médicas cirurgiãs, porque será? Será que a pessoa não tem coragem de fazer uma cirurgia com mulher? Eu lembro de uma professora de biologia minha no ensino médio, ela falou para mim um dia, ela estava grávida, as meninas perguntaram se o médico era homem ou mulher, ela falou: Homem! Eu não vou a médico mulher, ela usou dois argumentos, um eu aceito, achei interessante, ela falou assim: homem, ele não tem o órgão que a gente tem, então, ele não sabe se esta doendo, se não esta, homem é mais cuidadoso, a mulher não, você aguenta sim, eu sei eu sou mulher e sei como é agora na gestação que iria ter o bebê e seria parto cesárea ai ela falou assim que ela não aceitava uma mulher fazendo o parto dela, olha só, porque ela tinha muito medo, porque mulher se desespera muito fácil, ai ela falou vai que da uma complicação, alguma coisa, a pessoa não pode se desesperar, tem que tomar uma decisão, então, ela falou assim que ela queria homens porque na visão dela a mulher se desespera muito fácil, eu não sei se é assim não, acho que isso vai variar de pessoas para pessoa, tem pessoas quem em desespero fica paralisado, tanto homem quanto mulher, então, mas você ainda vê que em hospitais tudo, as chefes de hospitais, sempre é homem, é chefe de hospital é mais difícil ter mulher, então esses grandes cargos é mais difícil ter mulher (2017).

No processo de resgate de memórias a construção do que será discorrido leva o indivíduo a refletir práticas em caminho a tomada de consciência desses esquemas, questionando a ordem das ações, como esta entrevistada, sobre as mulheres na política, as médicas cirurgiãs, chefe de empresas, todos estes cargos correlacionados a posições hierarquicamente mais valorizadas que exija tomada de decisão, voz ativa, pulso forte, ligando essas habilidades a construção dos sexos, estas não características do ser feminino, reduzindo suas participações nestes lugares/espços sociais.

4.4 Mudanças E Permanências Em Relação À Mulher De Algumas Décadas Atrás Para Atual

Após analisarmos as mulheres construídas em sociedade, educadas, estereotipadas, distinguidas, as consequências em suas vidas, a vida privada e pública, correlacionados aos lugares sociais destinados as mesmas por meio da voz das agentes sociais que vivem na contemporaneidade, podemos pensar as diferenças e permanências entre mulheres de décadas atrás em relação a atual, como se modelam padrões, práticas, se perpetuam e reestruturam, as mudanças e permanências dos lugares ocupados pelas mulheres. A entrevistada 5 diz que:

Hoje eu vejo diferença na questão dos filhos, as mulheres querem ter menos filhos, vejo a diferença da introdução dela na sociedade, mas sem ter menos carga em casa. Ela soube ter o espaço dela para entrar na sociedade, mas ela não soube dividir o espaço dela dentro de casa, então, ela entrou na sociedade e ela ficou com a carga toda, ela sabe dar funções na empresa, mas dentro de casa ela não sabe dar, ela sabe ser uma grande empresária, mas ela não sabe ser líder na casa dela, ela não sabe delegar funções para o marido, por isso que hoje a maioria das mulheres não quer ter filhos, não querem nem casar. A família ainda esta naquele mesmo sistema de antigamente, o marido senta no sofá e ela faz tudo, esse é o maior desafio (2017).

Uma interpretação de um ponto de vista diferente é apresentada pela entrevistada 4, (2017):

Eu acho que sim, mudou bastante, até fico preocupada com essa ideologia feminista, eu fico até preocupada porque eu penso que a intenção da igualdade é uma intenção mais pelo respeito da mulher no mercado de trabalho, em casa, e as vezes o movimento feminista trata como se fosse uma revanche, como se a mulher tivesse que dar o troco em tudo que aconteceu diante da história, então assim, isso um pouco me preocupa, essa questão de competitividade, as vezes o próprio seio da casa a igreja ela trabalha em cima da bíblia, todo trabalho de evangelização em cima da bíblia e lá esta escrito que a mulher tem que ser submissa ao homem, mas a submissão não no sentido pejorativo da palavra, não de ser a baixo do homem, mas de ela ter uma missão de carregar a família nas costas e muitas vezes flexibilizar, dar o braço a torcer e fazer de

tudo para que a família se mantenha, então assim, tem muitas coisas que estão mudando de uma forma muito radical, eu penso que poderiam ser mais ponderado, por exemplo, as vezes com agressividade a mulher quer tomar o espaço dela, em vez de ir conquistando aos poucos, no trabalho mesmo, as vezes brigando, fazendo alguma manifestação pública né, em vez de ir conquistando de vagar o seu espaço, mostrando as suas competências, habilidades, eu sei que em muitos casos a mulher mesmo sendo muito habilidosa, mesmo tendo muita competência não consegue o mesmo salário que o homem, só por que é mulher, eu sei que tem muitos casos assim, principalmente em empresas né, mas eu acho que não pode ser tão radical, as coisas vão acontecendo aos poucos, devagar, a gente vai mostrando o valor que temos, e eu penso que ao contrário, algumas mulheres em vez de se valorizar acabam se desvalorizando como nesse caso dos relacionamentos entre homens e mulheres, antigamente o homem usava a mulher e descartava como se fosse um objeto, agora parece que as mulheres querem fazer igual, como se fosse para dar o troco, ai acaba ficando com aquele monte de homem e não vê que ela esta denegrindo o próprio corpo , então, eu penso que tudo tem uma ponderação que não é com radicalidade que vai mudar, eu penso que é com a doçura mesmo da mulher, cautela, com a calma que as coisas mudam devagar, não é assim a ferro e fogo, porque se a gente tenta fazer igual aos homens e a gente que sofre, é sempre a mulher a mais fragilizada nos relacionamentos, sofre e sofre com a culpa de ter de repente ficado com tantos homens, as vezes ela se decepciona com o homem, feriu os sentimentos e ela vai querer fazer igual (2017).

Podemos pensar diversos pontos a partir dessas visões apresentadas e entender as novas configurações e necessidades das mulheres em sociedade a partir das vivências relatadas, assim como as permanências. Foi mencionado como novas situações das mulheres o fato de poderem escolher ter menos filhos, de seguir uma carreira, estudar, se profissionalizar, maior liberdade para transitar nos espaços, a busca por direitos, respeito e valorização. Já as permanências destacadas nestes exemplos foram os moldes das famílias nas divisões das tarefas domésticas, a maior responsabilidade atribuída a maternidade do que a paternidade, a proteção e cuidado em relação ao ser feminino, diferença entre os sexos, influência de instituições sociais como a igreja, submissão da mulher, estereótipos como doçura, calma. Desta maneira podemos perceber que práticas mantêm uma estrutura de poder e hierarquia, as quais precisam ser refletidas e reformuladas de acordo com as novas necessidades.

Com isso, vemos a lógica social que reforça a permanência desta ordem imposta aos sexos, a qual precisa ser colocada em discussão e refletida para compreensão de seu caráter mutável, não permanente e possível de adotar novas formulações que tenham mais equidade social, onde os sujeitos possam atuar livremente todos os espaços e desenvolver suas habilidades.

5 CONCLUSÕES

“Que nada nos defina que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre” (Simone Beauvoir).

A presente pesquisa, ao buscar os lugares ocupados pelas mulheres na contemporaneidade a partir de entrevistas com sujeitos de posições sociais distintas na cidade de Naviraí – MS se constituiu em uma organização de ideias analíticas a respeito da problemática em tela.

O percurso realizado parte da observação histórica das mulheres em sociedade, focando no contexto nacional, ocidental, discutindo os conceitos de gênero, os espaços sociais ocupados e delimitados, as práticas diferenciadoras dos sexos e formadoras de estereótipos prevalecidos em uma ordem social que acarreta ao longo dos anos esses processos na vida dos indivíduos.

Após a revisão bibliográfica para suporte da problemática, foi explorada a realidade local atual de um campo de pesquisa específico, ouvindo a voz dos agentes sociais sobre suas experiências, cotidiano, e o ser mulher localizado em sociedade, como os espaços são estabelecidos distinguindo as áreas de atuação entre os sexos. Desta maneira, destacamos a construção desta estrutura que é reproduzida e perpetuada, assim como remodelada em novos tipos de submissões, mas que, não deixa de hierarquizar classes em uma relação de poder.

Este caminho nos leva a compreensão da arquitetura dessas práticas legitimadas em sociedade e que colocam as mulheres em espaços sociais definidos, ou seja, conduz ao reconhecimento do caráter não natural desta ordem, como assevera Louro (1994), as “capacidades” e as “limitações” de cada sexo é, usualmente, o resultado da posição/do lugar que a sociedade atribui aos diferentes gêneros.

Pensando desta maneira vemos que assim como aconteceu com os escravos as mulheres não são submissas em sua essência, porém, viveram um processo histórico agressivo físico e mental, ocasionando sua desvalorização social. Estes processos que afetam homens e mulheres e são reproduzidos constantemente.

A partir da percepção traçada que mantêm esta ordem somos levados a pensar os lugares responsáveis por esta manutenção, pois alcançamos avanços e espaços antes não atingidos, porém, os moldes da subordinação da mulher se reforçaram, alcançaram novos esquemas e exigências em relação a identidade feminina, onde o homem perpetua seu poder cultural e social. Este cenário da divisão dos sexos que sustenta as relações de poder, nos trás a necessidade de questionar e afrontar esta ordem.

Percebemos por meio dos discursos que aqui circularam confusão de idéias oras negadas, outras reforçadas e o quanto é difícil analisar o nosso cotidiano por nós mesmos, em

que falta embasamento para justificar questões que atingem nossa realidade, conseqüentemente acabamos reforçando o machismo.

Para iniciar nossa caminhada para uma sociedade mais justa precisamos refletir nossas práticas, discursos e o impacto que estes causam na vida dos indivíduos. Tais discursos e práticas que reforçam a subalternização do sexo feminino taxa os lugares ocupados distintamente, confecciona as etiquetas dos estereótipos, impõe marcadores sociais que estruturam uma ordem estabelecida.

A conscientização de nossas práticas e o que envolve a manutenção da mesma transforma estas mulheres entrevistadas no recurso de narrar suas experiências passando de objetos a sujeitos ativos interpretando sua realidade e posicionando diante dela, sendo atores de sua própria existência. O primeiro passo é se libertar dos padrões que impossibilitam o sexo feminino em características que nos deixam em desvantagem, esses inculcadas desde a infância, castrando e delimitando esses indivíduos no decorrer da vida, sendo moldados em suas interações sociais, valores que não são nossos, mas que mantêm a ordem social tal como nos foi concebida.

Discernindo a nossa formação enquanto sujeitos, percebemos: Saffioti (2004, p. 275-276): “Nestas circunstâncias, o inimigo da mulher não é o homem nem enquanto indivíduo, nem como categoria social, embora seja personificado por ele. O alvo a atacar passa a ser, numa concepção relacional, o padrão dominante de relações de gênero”.

Discutir a categoria gênero é fazer uma reflexão crítica sobre a situação dos indivíduos em suas relações sociais e como essas determinam nossos lugares sociais e práticas. Pensar as causas e os responsáveis que dão continuidade as desigualdades entre os sexos influenciando as práticas dos mesmos.

Com isso, esta pesquisa espera ser fomentador de novas discussões, despertando inquietações e reflexões sobre os lugares sociais ocupados pelos sexos, em busca da liberdade, um novo mundo de significados onde alcancemos a igualdade de gênero no sentido de direitos, circulação e ocupação dos espaços, oportunidades, em uma sociedade onde todos possam ser vistos e tratados de maneira equivalente, mas que também possam ser múltiplos em suas individualidades representativas.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) 13. ed. – RJ: Bertrand Brasil, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. História da violência nas prisões. 22.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS; Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2009.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

LARGUIA, I; DUMOULIN, J. **Para uma Ciência da Libertação da Mulher**. São Paulo, Global, 1982.

LOPES, D. H. **Homens, mulheres e escola: relações de gênero, memória e subjetividades na educação e na sociedade mariliense da década de 1990** / Marília, tese (doutorado em ciências sociais) – Faculdade de filosofia e ciências, Universidade Estadual Paulista, 2013.

LOURO, G. L; FELIPE, J; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**/ 6. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes,2010.

LOURO, G. L. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero**. Projeto História. São Paulo, n. 11, p. 31-46, nov. 1994.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.

MARQUES, E; PEIXOTO, M. A; VIANA, N; PINHEIRO, V. **A questão da mulher – opressão, trabalho e violência**. Rio de Janeiro, ed. Ciência moderna Ltda., 2006

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

OLIVEIRA, G. C; BARROS, I; SOUZA, M. H. **Trilhas feministas na gestão pública**. Brasília: CFEMEA, 2010.

PINTO, C. R. J. **Feminismo, história e poder**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. (Coleção Brasil Urgente)SP: Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.16, n. 2, p. 5-22, jul/dez. 1990.

SCOTT, J. **Experiência: tornando-se visível**. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Maria Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (org.). Falas de gênero: teorias, análises, leituras. Florianópolis: Mulheres, 1999.

SPIVAK, G. **Pode o Subalterno falar?** (1942-). Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Editora UFMG, 2010, Belo Horizonte.

TOURAINÉ, A. **O mundo das mulheres**; tradução de Francisco Morás. 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Disponível em: <http://gilbert92.jusbrasil.com.br/artigos/172166653/mulheres-no-congresso>. Acessado em 30/06/2016